

Conceito  
de  
Figurabilidade

**I**nteressa-nos essencialmente o valor econômico e dinâmico da figurabilidade no analista, a "força sensorial" da imagem - a expressão é de Freud - e sua utilização no tratamento. Fragmentos clínicos evocarão momentos de figurabilidade no analista, entendendo por figurabilidade o produto de um trabalho psíquico diurno comparável ao do sonho, com seu percurso regressivo resultando numa percepção interna próxima da alucinação do sonhador.

Nossa experiência como psicanalista de crianças nos fez conhecer o sono de olhos abertos das crianças autistas. O olhar delas, que nos atravessava de dia, continua, à noite, a se perder num distante fundo de nada. Essas crianças em tratamento, tão logo surgem os primeiros sinais de relação objetal, começam, em seu sono, a gritar de terror e a chamar pelos pais. Acreditamos que, no começo, o investimento inicial das percepções e das representações dos objetos sendo ainda frágil, instável, sem verdadeira distinção entre o que é percebido do objeto e o que dele está representado, faz com que a ausência do objeto corra o risco de ser o equivalente à perda de sua representação. Mais do que a perda do objeto, é o perigo da perda de sua representação, herdeira da satisfação

alucinatoria do desejo, que é sinônimo de desamparo. Expliquemo-nos. No lugar de uma hipotética sucessão genética do eu-prazer ao eu-realidade definitivo, achamos mais heurístico considerar sua simultaneidade precoce e um funcionamento psíquico com interesses já contraditórios. Pensamos contraditórios, e não conflituosos, e isso nos impede de falar de uma clivagem extremamente precoce do ego - a noção de clivagem está ligada àquela do mecanismo de defesa face a um conflito. Digamos que o ego tenha uma dupla origem. Freud afirma, em 1915, em *Os instintos e suas vicissitudes*: "O exterior, o objeto, o odioso seriam logo no início idênticos. No momento em que, mais tarde, o objeto revela-se ser uma fonte de prazer, ele é amado, mas também incorporado ao ego, de forma que, para o eu-prazer purificado, o objeto coincide de novo com o estranho odiado e o odeia."

Em outras palavras, a percepção é odiada pelo eu-prazer e condenada a ser importuna, os restos do eu-prazer; ao contrário, para o eu-realidade, governado igualmente pelo princípio de prazer, a percepção é sua razão de ser. Em 1925, em *A negativa*, Freud mantém suas posições teóricas de 1915 e afirma que "o objetivo imediato da prova de realidade não é portanto o de encontrar pela percepção do real um objeto que corresponde ao objeto representado, mas de encontrá-lo e de se convencer que ele ainda existe". Enquanto o eu-realidade não puder confirmar com certeza que o objeto representado, ainda e também, existe na realidade, a percepção permanecerá importuna para o eu-prazer. Por outro lado, a ausência do objeto não saberá ser reconhecida e não poderá ser traumática enquanto a representação do objeto for mantida pelo eu-prazer. De fato, segundo nossa hipótese, não é a perda do objeto mas o perigo da perda de sua representação e, por extensão, o risco de não-representação, que marca o desamparo. O perigo da perda da representação provoca um verdadeiro vazio com efeitos implosivos, jogando a percepção odiada para dentro do psiquismo; equivalente fantasmático da representação dissipada, a percepção importuna invade a cena. Na sombra da insatisfação despetada pela ausência do objeto investido, mais que a angústia-sinal de alarme do risco da perda do objeto, é o pavor automático da implosão que é chamado a tornar-se sinal de alarme do perigo da perda da representação deste mesmo objeto; a utilização do efeito da implosão da percepção pelo ego que está despertando, na figuração de um pesadelo, é uma violenta defesa contra o risco da não-representação; a "força sensorial" da alucinação do pesadelo, uma performance

O risco de  
perda  
de representação  
do objeto  
é o perigo  
da não-representação

necessária para a sobrevivência do psiquismo. Parece que a criança, que acorda apavorada, com olhar desvairado e chamando seus pais, só tenha conseguido manter seus investimentos das representações objetais, seu desejo, graças ao pesadelo. O seu pesadelo a teria preservado do olhar que se aprofunda em direção ao infinito da indiferença. Da mesma maneira, quando a criança tem dificuldades para adormecer, no momento em que ela deveria desinvestir a percepção de seus objetos, deixar-se levar pela corrente da regressão narcísica, indo além do lamento ou da recusa de perder o mundo exterior, não estaria ela temendo submergir a representação de seus objetos no extravasamento oferecido pelo sono? E todos nós, a cada noite, não seríamos ameaçados por esse conflito primordial reatualizado pela regressão narcísica do sono, ameaçados pelo fantasma, a sombra do objeto que nos persegue desde o nosso berço para nos proteger do pior, da perda da representação, uma questão de vida ou de morte psíquica? Talvez seja essa a nossa experiência de morte.

Thomas é um garotinho de quatro anos, submetido, até a idade de vinte meses, a numerosas hospitalizações e intervenções cirúrgicas (sua artéria subclavicular estava mal posicionada, ele se sufocava e respirava mal. Além disso, tinha uma má-formação da uretra). Todo o seu desenvolvimento era lento. Quando um de nós o conhece, Thomas, aos quatro anos, só pronuncia algumas palavras pouco inteligíveis. Embora ele seja descrito pelos pais como tendo traços autísticos, nunca perdeu verdadeiramente seu apetite pelo objeto, seu entusiasmo pelo outro. Alguém que solicita sim, mas incapaz de manter uma relação, ele tem o comportamento de uma criança afetuosa, que abandona rapidamente o adulto, refugiando-se num canto calmo, de onde, nem arredio nem ausente, vai contemplar o mundo. Quanto à situação nova, ao objeto novo, que a terapia representa para toda criança, Thomas se lança abertamente. Com a impetuosidade de uma nova esperança, ele se apodera de um tubo de cola, o qual cheira com paixão, como um toxicômano, dando a impressão de um extraordinário achado. Outras vezes, à procura de raios de sol, deita-se sobre a mesa e os recebe de olhos abertos, sem nem mesmo piscar. Durante muito tempo, sua atividade preferida será a de lançar, de bater objetos duros contra as superfícies duras da peça. É a produção do barulho, do estrondo, que o interessa. Ele grita, "crra... crra"! Não é difícil adivinhar a construção feita pelo analista a partir desses elementos – o cheiro, a luz, o barulho –, provavelmente

traços sensoriais, talvez marcas deixadas por um primeiro objeto? Em suas formulações, o analista procura introduzir uma grande quantidade de afeto: "Quando você estava no hospital, o cheiro era mais forte, e a luz era mais intensa, era difícil respirar... era como se tudo fizesse crra... crra...!"

No fim das sessões, Thomas manifesta angústias de despersonalização. As interpretações sobre a separação não o aliviam. Diante da criança pálida, imóvel, com o olhar desvairado, a própria imagem do terror, o analista tem, por assim dizer, um pesadelo, ele "vê" um lobo. Ele pergunta a Thomas: "crra... crra! Você tem medo do lobo?", e ele imita o animal que morde e arranha. Desesperado, Thomas lhe faz sinal para parar, mas sua confusão desaparece, e ele pode ir embora. No encontro seguinte, no momento da separação, Thomas não está mais despersonalizado; corre pelo corredor e, querendo assustar todo mundo, urra: "crra... crra... o lobo?"

O que fez o analista com essa criança? A primeira intervenção, o "hospital", seria uma reconstrução de um passado histórico com "fragmentos de verdade", como diz Freud?

Efetivamente, acreditamos na existência de pedaços de realidade material – o odor, o brilho da luz, o barulho da respiração –, mas duvidamos muito que tenham alcançado a qualidade de representação psíquica. Eles continuaram sendo, possivelmente, puros elementos sensoriais. Se há uma tentativa de elaboração no brinquedo "crra... crra" ou no fato de se embriagar respirando fundo o cheiro da cola, ou de se ofuscar expondo-se aos brilhos da luz, estas são, antes de mais nada, condutas autísticas buscando sensações de atordoamento próximas da perda de consciência. Entretanto, podemos sempre nos perguntar se houve um começo de representação psíquica, que teria rapidamente se dispersado em seus elementos sensoriais, dessas primeiras experiências no hospital. Nunca saberemos. Em contrapartida, conhecemos o efeito desorganizador, no psiquismo da criança, de tais elementos sensoriais não-representados, como conhecemos o efeito infalivelmente benéfico da retomada desses elementos pelo analista numa construção sob formas figuradas, tal como uma lembrança. Esse trabalho produz na criança muito doente o sentimento de existir, de durar; graças a isso, o sofrimento conjugar-se-á com o passado, as emoções se reunirão sob a forma de lembrança, "como uma pia de

fonte recolhe a água", segundo a bela imagem de Freud<sup>1</sup>. Se Freud diz que "sonhar é lembrar-se", poderíamos dizer que, nos casos como o de Thomas, lembrar-se é sonhar e que o passado não se pode tornar lembrança sem um trabalho do sonho do analista?

A segunda intervenção, o "lobo", não é uma narração em imagens, mas um flash; a evocação de uma figura única, aterrorizante. Por quê? Quando Thomas fica apavorado diante da separação, não acreditamos que se trata de um estado desencadeado essencialmente por uma problemática precisa, por exemplo, oral. O poder traumatizante da separação, as poucas possibilidades elaborativas de Thomas, fazem com que sua pára-excitação rompida e todo seu sistema de representação já precário sejam completamente varridos. Imitando um lobo, o analista não interpreta uma fantasia diante da perda, mas fornece ao ego superado de Thomas uma imagem que preencha a beância aberta pelo traumatismo para restabelecer sua continuidade psíquica; Thomas faz do lobo uma verdadeira representação-arma contra o estado de desamparo pela não-representação.

É somente mais tarde, no *a posteriori*, que a representação do lobo permitirá, se for o caso, o advento das interpretações habituais como: "Quando você tem que me deixar, você fica tão zangado que gostaria de me comer como um lobo", etc. Na verdade, o que o analista fez? Não formulou um conteúdo latente que ele teria descoberto atrás de um conteúdo manifesto, mas, na ausência de um e de outro, antecipou formações pré-conscientes capazes de magnetizar, um dia, outras representações, de servir de conteúdo manifesto. Um tipo de processo analítico em reverso em que o analista promove o pré-consciente da criança. Sob os efeitos do poder de captação da figuração do analista, vemos nascer na criança um esboço do mundo das representações.

Mas por que e como o analista chega a um trabalho de figuração tal como o lobo, próximo ao de um pesadelo? Acreditamos que o funcionamento das crianças doentes, como Thomas, submete a duras provas o psiquismo do analista. Não somente o analista perde seu enquadre e seu instrumento, à interpretação, como também sofre o mal-estar da indefinição das representações que a criança desperta nele, ao ponto de ser ameaçado pelo pior, a não-representação. O ego do analista, posto à

1. S. Freud, *L'Interprétation des rêves*, PUF, 1900.

prova, fragilizado – como talvez é o ego daquele que dorme, enfraquecido pela regressão narcísica do sono –, frente ao perigo da não-representação vai reagir. É claro que, para se defender, ele poderia desinvestir sua função, ou pior, desinvestir a criança, ou então superinvestir suas capacidades de intelectualização, de teorização. Acreditamos que o analista, diante da derrota de suas intervenções habituais, investiria, se pudesse, na via alucinatória e teria um sonho ou pesadelo. Sem isso, é na figurabilidade que o seu ego "minado" encontra a solução. Se nossa hipótese lançada sobre a função do pesadelo está correta, podemos pensar que um sentimento de terror, sinal de alarme do perigo da não-representação, este preste a ser despertado no analista, e que este afeto devia, obrigatoriamente, procurar uma representação adequada. A regressão formal e a fluidez da libido do analista lhe permitem a figuração de um animal feroz, remetendo à devoração. Seu trabalho psíquico continua e passa por uma elaboração secundária adaptada ao momento relacional com a criança; o analista vai então utilizar seu "pesadelo", dando-lhe a forma e a coerência de um jogo.

Mas no momento em que essa representação-pesadelo é contada em gestos e em palavras, o "lobo" torna-se um conto, tal como René Diatkine nos sugeriu. De fato, a experiência nos ensina que com as crianças muito pequenas o dinamismo desse tipo de intervenção é comparável àquele exercido pela narrativa dos contos em que, num contexto terno, o adulto evoca representações muito carregadas de pulsionalidade, situadas num além e num passado de uma história coerente e "verdadeira", pois revogável à vontade. As representações assim veiculadas despertam a figuração da criança e diminuem a pressão desorganizadora do contingente pulsional pré-representado. Na comunicação entre a criança e o adulto, o conto constitui uma verdadeira ponte, conduzindo a vivência não organizada, dificilmente representável para a criança numa relação com seus objetos reais, na direção do universo maravilhoso da representação. Do terror à figurabilidade, do pesadelo da noite ao conto do dia, o desamparo fundamental, o da não-representação, é atacado vivamente.

Thérèse, uma menininha de oito anos, é vista como esquisita pelas freiras do internato onde se encontra desde a idade de três anos, data da morte súbita de seu pai, que a havia criado até então – sua mãe não podia cuidar dela. No primeiro encontro, Thérèse avança na direção do analista como se ela o alucinasse ao invés de olhá-lo. Leve, ela

Im. lobo  
reconstituido  
o melhor do  
Thomas do  
que a não-  
representação

Analista  
nunca na  
solução  
das representações  
to. lobo

interpreta  
qualquer  
conto  
tranquiliza  
este tipo  
de situação  
crianças  
pequenas.

Caso  
Thérèse  
menina  
de 8 anos  
criada  
pelo pai

Primeiro encontro com o analista

sonha, cobrindo-o com seu belo olhar sombrio e febril. Ela lhe diz: "Você sabe que a Terra é redonda?... O céu está em toda parte... meu pai está morto... ele fala o dia inteiro com o bom Deus..." "O que eles dizem?", pergunta o analista. "A pobre Thérèse está sozinha... eu gostaria de ser uma menina bem boazinha para ir mais rápido para o céu...". Depois desse encontro, sessão após sessão, Thérèse pedirá: "conte-me a primeira vez!" E a cada vez, o analista repetirá para ela o conto do primeiro encontro. Para Thérèse, não é possível romper a continuidade da sua figuração. Instalada no universo de suas imagens, no tempo suspenso, nos confins da percepção-consciência já aberta para a alucinação, ela ofusca, por iluminações constantes, a imagem da dor de sua perda. A exigência da continuidade de sua figuração faz com que Thérèse não possa dar lugar às representações da descontinuidade, ao reconhecimento das diferenças: presença-ausência, presente-passado, pênis-não pênis, menino-menina.

A repetição do conto ajudou a chorar a morte do pai.

Durante uma sessão, brincando de escola, Thérèse exclama: "As meninas depois dos meninos, os meninos depois das meninas!". Entre meninas e meninos ela ondula associações infinitamente... Ocultando o horror da realidade da falta de seu objeto, Thérèse aliena sua consciência. Superinvestindo a única permanência ao seu alcance, a figurabilidade das coisas e a sua sensorialidade das palavras, ela economiza afetos de um luto que extravasaria sua pára-excitação. A retomada, pelo analista, da alucinação da criança sob forma de um conto repetível integra a figurabilidade da criança num contexto novo, aquele do recente investimento libidinal do objeto-analista. Graças a isso, o processo de luto poderá desenvolver-se e Thérèse chorará, pela primeira vez, a morte de seu pai.

Desde o começo de sua obra, Freud observa o fato de que a impossibilidade de fazer o trabalho da perda de um ente querido pode conduzir a uma inibição do afeto doloroso. Através da recusa da percepção da falta, no lugar do afeto doloroso, surge, na vida diurna, a alucinação do morto. Em 1932, reestudando o trabalho do sonho, Freud estabelece um paralelo entre o desaparecimento dos afetos dos pensamentos do sonho e a "força sensorial" das imagens sonhadas. Ele escreve: "a importância das representações despojadas de seus afetos se manifesta durante o sonho, pela força sensorial que ela confere às imagens sonhadas"<sup>2</sup>. Para nós, parece possível que tenha ocorrido um

2. S. Freud, *Nouvelles Conférences*, Gallimard, 1932

deslocamento da energia dos afetos no sentido da figurabilidade, e que o aumento da "força sensorial" das imagens seja capaz de excitar o pólo da percepção, chegando a transformar a figuração em alucinação. Isso confirma o que já havíamos pensado a respeito de Thomas: em se tratando dos afetos aterrorizantes da perda da representação ou dos afetos dolorosos do luto, a via figurativa é uma maneira de inibir a produção desses afetos desagradáveis pelo deslocamento de sua energia para a "força sensorial" da representação. Além disso, é de se notar, no funcionamento diurno de Thérèse, como a regressão formal da figurabilidade à alucinação evita uma clivagem do ego<sup>3</sup>, e que basta o movimento contrário – a redução, pela via do conto, da alucinação à simples figurabilidade – para dar lugar ao luto. A dor, até então desaparecida sob a "força sensorial" da alucinação, reaparecerá sustentada pela figurabilidade e poderá engajar-se num processo de luto.

Um menino de quatro anos ignorava ter sido adotado com algumas semanas de vida. Quando ele tinha três anos, sua mãe ficou grávida pela primeira vez. Um dia, durante um passeio, sua mãe decide, bruscamente, revelar-lhe a adoção: "Sabe, você não esteve na minha barriga". A criança pára, estarelecida. De repente, ela se ilumina e afirma triunfante: "Mas é claro, eu estava na barriga do meu pai!". Então, à negação de sua mãe, o menino responde convencido: "É verdade, é verdade, eu sei, eu vi na foto!". Durante muito tempo, ninguém poderá contradizer sua "verdade", pois ela o protege do traumatismo da perda do amor de sua mãe. Graças à teoria sexual, a dor do luto é poupada, o amor da criança por sua mãe é preservado, e a "lacuna" do desinvestimento da representação da mãe é preenchida. A "força sensorial" triunfa do nada.

Memo de 4 anos 2 depois o fato de não ser filho da barriga da mãe cria uma "verdade" para si

A criança que se pergunta ao ver o recém-nascido "Mas de onde vem esse aí?", responderá ela mesma. Frente à "urgência da vida", movida pelas exigências libidinais do momento, ela responde à "pergunta-enigma" com um trabalho mental, com um formidável avanço de sua figurabilidade. Na verdade, em se tratando de um nascimento ou da "percepção muito incompleta das relações parentais", a criança encontra-se sempre confrontada com um desinvestimento da parte de seus pais e, conseqüentemente, nós a acreditamos também confrontada com a sua própria tendência em desinvestir seus pais. Diante

3. Clivagem da ordem de "Meu pai está morto, por que ele não vem jantar esta noite?"

da diferença dos sexos, o resultado é o mesmo, na medida em que a criança tem a tendência de desinvestir a mãe, um ser sem pênis, sendo o pênis o "objeto erótico primordial" naquele momento. O verdadeiro motor que leva à elaboração das teorias sexuais é o risco de desinvestimento pela criança dos objetos parentais. Da mesma maneira que diante da ausência do objeto, ou quando da regressão narcísica do sono, a tendência ao desinvestimento dos objetos reais tem o valor de um sinal de alerta do perigo da perda de sua representação. A única saída é figurar. Sem discutir as origens possíveis da cena primitiva na percepção (c) ou nas fantasias filogenéticas, acreditamos que ela deve ser considerada, antes de mais nada, como uma teoria sexual, talvez a primeira teoria sexual que a criança seja levada a criar. Mesmo povoada de monstros, essa teoria é um mal menor, como o pesadelo.

A "força sensorial" da figuração das sucessivas teorias sexuais se contrapõe aos tormentos da percepção, tal como a diferença dos sexos, e a criança terá a força da convicção alucinatória: "É claro que sim, os 'xixis' do papai e da mamãe são iguais.... eu vi!" As teorias sexuais figuradas pela criança – análogas às soluções consideradas "geniais" que os adultos tentam dar aos problemas que o mundo coloca e que ultrapassam o entendimento humano<sup>4</sup> – a partir dos "fragmentos de pura verdade" despertam a mesma convicção que a regressão alucinatória do sonho e do delírio.

Acreditamos que, em certos momentos, o analista, obrigado a questionar-se diante do paciente – "Mas como ele é feito, como ele funciona?" – não está longe do pensamento da criança frente às "perguntas-enigmas" que levam à elaboração das teorias sexuais infantis e, como a criança que ele foi antigamente, fica condenado a ser "genial".... a figurar... de "enigmas".

M. A., na primeira entrevista, queixa-se – devido à morte súbita de seu pai, dois anos após o fim de uma análise de quatro anos – de um estado de inibição mental, com verdadeiros momentos de paralisia psíquica. Desde essa morte, sua atividade onírica praticamente não existe, exceto um pesadelo que se repete, em que aviões voam no céu e um deles cai. M. A. é incapaz de associar, de compreender qualquer coisa de seu estado. Ele está desesperado e pensa seriamente no suicídio... ou então – e seu tom é particularmente ameaçador – dá ao analista sua última

chance... Apesar da grande tensão que emana de M. A. e da situação face a face, o analista mantém uma certa fluidez de sua atenção. Ele se espanta ao se imaginar de novo fugazmente, por muitas vezes, criança em perigo durante a guerra, imagens sem acompanhamento de afeto. Ele observa que M. A. diz com freqüência: "Eu não vejo mais nada... Eu não vejo mais nada...". Suas únicas intervenções durante essa primeira entrevista serão alguns: "Entendo... entendo", completamente espontâneos e não usuais dele. Na vez seguinte, M. A. está muito surpreso de ter sonhado: "uma menininha é empurrada por um burro, ele a salva...". Alguns meses mais tarde, a análise já bem avançada, M. A. fica doente. Gripado, febril, ele telefona, esperando do analista não sabe bem o quê. Sua atitude o revolta. Retorna furioso e acha que o analista é uma pessoa sem coração, incapaz de cuidar dele, que não serve para nada. "É realmente aborrecedora uma análise."

Então ele conta... que com oito anos, vítima de uma tuberculose, seus pais o enviam para um lar de crianças. Como única lembrança dessa temporada, os gritos de uma criança à noite: "Mamãe, mamãe!". Emocionado e intrigado com o retorno dessa vivência dolorosa, ele faz uma viagem para reencontrar a casa. Um grande muro branco e uma fileira de tílias lhe inspiram uma nostalgia infinita, uma impressão de ruptura, o sentimento da existência de um outro, ele mesmo dirá.

M. A. tem o seu pesadelo habitual dos aviões, mas modificado pela presença de uma mulher com uma criança no colo, gritando na rua: "Quem quer uma criança morta?". "Eu?", pergunta-lhe o analista. M. A. grita, soluçando: "Laure... minha irmãzinha!". Logo antes de sua ida para o sanatório, nasceu uma irmãzinha, e é lá que ele saberá da morte dela. M. A. diz-se estupefato pelo retorno da lembrança de sua irmã, seu esquecimento resistiu a quatro anos de análise.

A condição do destino da representação da irmã morta e dos afetos concomitantes não é simples. Dizer que se trata de um recalque não é totalmente satisfatório. Teoricamente, pode-se admitir um recalque tão bem-sucedido que nenhum retorno do recalçado não se produziria, que não provocaria a formação de derivados. Mas o retorno violento da representação intacta na forma de uma ab-reação nos leva à hipótese de uma inibição maciça da lembrança. Freud escreve que "as inibições mais globais do ego obedecem a um mecanismo que é simples. Quando o ego é submetido a uma tarefa psíquica com uma

Analista  
questiona  
o pai  
a criança  
questiona  
o pai  
em silêncio  
M. A.  
s. b. b.

permanece  
súbita  
depois  
de 4 anos  
de análise

4. Freud, Les Théories Sexuelles Infantiles, 1908, in La Vie Sexuelle, p. 171

dificuldade específica como, por exemplo, um luto, a uma repressão considerável dos afetos... ele enfraquece a tal ponto, perdendo a energia de que ele dispunha, que se vê forçado a restringir seu gasto em vários pontos ao mesmo tempo...<sup>5</sup>. Em circunstâncias de perda objetual dramática, o ego teria a possibilidade de reagir paradoxalmente pela inibição maciça do sistema de representações.

Quando M. A. é ainda criança, siderado pela separação, sabe da morte do bebê, "ele não tem nada a ver com isso", segundo sua própria expressão. Nós supomos que ele não pode mais investi-la, representá-la, pois ele mesmo está, fisicamente, mais morto do que vivo. Do branco de sua sideração psíquica escapam somente os gritos de pesadelo na noite.

Adulto, M. A. se decompõe diante da morte de seu pai bem-amado. Até então, teria sido relativamente fácil para ele manter "suspensa" a representação de sua irmã morta; uma representação pré-consciente, sem, no entanto, adquirir um impulso no sentido da figurabilidade, sem entrar no funcionamento do sistema inconsciente. O luto do pai obriga M. A. a uma nova inibição grave de seu sistema de representação. Sua dor poderia lhe trazer de volta a representação da dor de seus oito anos. Ele escolheria antes uma morte real do que a imagem da criança gritando diante do branco de sua própria morte. Por conseguinte, se nossa hipótese estiver correta, compreendemos melhor a tensão de M. A. quando da primeira entrevista, e a tendência do analista à figuração. Da mesma maneira, torna-se claro o papel do "Entendo... entendo" não usual do analista, associado à figuração dele próprio "criança-ameaçada" compreendendo o drama de M. A.

Em situações extremas como as despersonalizações de Thomas ou a entrevista com M. A., a figurabilidade permite ao analista manter o investimento de seu paciente e preservar suas próprias capacidades de representação. Que seu enunciado fique no nível da identidade de percepção - "Entendo... entendo" - ou atinja a elaboração de um conto - "Você tem medo do lobo?" ou o "bebê no hospital" -, ele sempre terá, com certeza, a vantagem da "força sensorial" das imagens visuais, mas também a particularidade de poder provocar um efeito contrário ao do trabalho analítico. A figurabilidade enunciada dá ao

5. S. Freud, *Inhibition, Symptôme et Agressão*, Puf, 1926.

paciente, de forma admirável, a chance de uma formação equivalente ao conteúdo manifesto de um sonho ou de uma lembrança encobridora. Denise Braunschweig e Michel Fain<sup>6</sup> consideram, de modo apropriado, que a lembrança encobridora é como um verdadeiro anti-trabalho analítico, e mostram a facilidade com que o paciente tentará utilizar a interpretação mais adequada para construir essa espécie de lembrança. Acreditamos que se trata de um efeito particular que o analista pode buscar em certos casos para consolidar a coerência do ego do paciente, como ele fez com Thomas e Thérèse. Ao longo do trabalho habitual, a figurabilidade do analista faz parte do processo analítico e representa um instrumento precioso para sua progressão, ou mesmo o único meio para atingir certos domínios da vida psíquica do paciente, como aconteceu com M. A.

Com as duas crianças o trabalho de figurabilidade do analista conduz a intervenções cuja forma é próxima daquela dos contos infantis: "Era uma vez..." Elas evocam espantosamente a intervenção descrita por Freud: "Até o seu décimo ano, você é considerado o possuidor único e ilimitado de sua mãe; então chega uma outra criança e você fica muito decepcionado. Sua mãe o abandona durante algum tempo, e mesmo após seu retorno, ela não será nunca mais dedicada como era antigamente. Seus sentimentos para com sua mãe tornam-se ambivalentes, seu pai tem então uma nova significação para você."<sup>7</sup> É o exemplo dado por Freud no fim de sua obra para ilustrar a construção- interpretação cujo valor, para a evolução do paciente, não reside tanto, admite ele próprio, na rememoração que ela possa evocar, nem tanto na sua realidade histórica, mas na "convicção" que ela deve despertar no paciente. No fundo, perguntamo-nos onde se encontram os limites, a conjunção e a disjunção entre a interpretação-construção e a intervenção-conto, o que leva ao que qualificamos de processo analítico reverso. Sem ir muito além na busca desta relação, queremos dizer que um relato impregnado de figurabilidade tem a força do impacto da percepção. Ele leva a mente a crer - a crer no "lobo", "no bebê no hospital". Não se diz: "Ver para crer"? A marca da figurabilidade do analista na interpretação desperta no paciente um sentimento de evidência, de autenticidade. A "verdade" é como se a vissemos.

6. Denise Braunschweig e Michel Fain, *Bloc et Lanterne Magiques*, *Revue Française de Psychanalyse*, 1981, n.5.

7. S. Freud, *Constructions en Analyse*, 1937.

1 FIGURABILIDADE E  
NÃO-REPRESENTAÇÃO:  
QUATRO CASOS

© "Notes cliniques sur la figurabilité et l'interprétation".  
*Revue Française de Psychanalyse* 1983/3.

revisão

capítulos I, II e V, Patricia Ramos: capítulos  
II, IV e VI, Vanise Dresch: capítulos VII, VIII e IX.  
Revisão final das traduções: Vanise Dresch  
Revisão Vinícius Figueira  
Revisão final Viviane de Freitas  
Revisão técnica Cláudia Perrone  
Capa e projeto gráfico: Tatiana Sperhacke  
Ilustrações: Tatiana Sperhacke  
Editoração eletrônica: Marta Castilhos  
Fotolitos: Pallotti  
Impressão: Pallotti

B.M.

B748i Botella, César  
Irrepresentável : mais além da representação / César Botella e  
Sara Botella ; tradução de Maria Elizabeth Judice do Nascimento  
Schneider, Patricia Chittoni Ramos e Vanise Dresch. - Porto Alegre :  
Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul : Criação Humana, 2002.  
243 p.

Tradução de originais franceses.

ISBN 85-880-2205-2

1. Psicologia 2. Psicanálise 3. Psiquiatria 4. Psicoterapia  
5. Traumas (Psicologia) I. Botella, Sara II. Título

CDD 616.8917  
CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori CRB 10/1363

Reservados todos os direitos de publicação, total ou parcial, pela  
EDITORA CRIAÇÃO HUMANA LTDA.  
Rua Mostardeiro, 157/1006  
fone: (51) 3346.5795 fax: (51) 3211.2242  
PORTO ALEGRE - RS  
criacaohumana@uol.com.br

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL

# Irrepresentável

MAIS ALÉM DA REPRESENTAÇÃO



Sociedade de Psicologia  
do Rio Grande do Sul



Porto Alegre / RS  
2002